

seu tempo e depois dele, pode ser considerado um grande autor clássico. Tal estatuto acarreta, naturalmente, o de *auctoritas*, em diferentes aceções: estética, retórica, moral, ética e, no caso de Vieira, sobretudo linguística. Com efeito, se a sua autoridade foi, por vezes, questionada em matéria de estilo, nunca tal aconteceu em matéria de língua, sendo efetivamente a sua vertente de Mestre da Língua Portuguesa aquela que nunca sofreu contestação e que faz de Vieira um dos modelos cuja influência mais marcou os grandes autores literários até à atualidade. Mesmo os românticos, como Almeida Garrett¹ ou Camilo Castelo Branco², ao contrário do que muitas vezes erradamente se pensa, não foram imunes aos grandes Clássicos, que leram e admiraram; e os modernistas, como Fernando Pessoa, devotaram-lhes profunda admiração que, no caso deste autor, produziu talvez as mais sentidas palavras de homenagem a Vieira alguma vez escritas, não apenas pelo conhecidíssimo epíteto de Imperador da Língua Portuguesa, que lhe atribuiu no poema a ele dedicado em *Mensagem*, mas sobretudo em palavras como as que escreveu no *Livro do Desassossego* (Pessoa [1982]: 16-17):

Não choro por nada que a vida traga ou leve. Ha porém paginas de prosa que me teem feito chorar. Lembro-me, como do que estou vendo, da noute em que, ainda creança, li pela primeira vez numa selecta, o passo celebre de Vieira sobre o Rei Salomão. «Fabricou Salomão um palacio...» E fui lendo, até ao fim, tremulo, confuso; depois rompi em lagrimas felizes, como nenhuma felicidade real me fará chorar, como nenhuma tristeza da vida me fará imitar. Aquelle movimento hieratico da nossa clara lingua majestosa, aquelle exprimir das idéas nas palavras inevitaveis, correr de agua porque ha declive, aquelle assombro vocalico em que os sons são cores ideaes tudo isso me toldou de instincto como uma grande emoção politica. E, disse, chorei; hoje, relembando, ainda choro. Não é – não – a saudade da infancia, de que não tenho saudades: é a saudade da emoção d' aquelle momento, a magua de não poder já ler pela primeira vez aquela grande certeza symphonica.

¹ “Quem podia deixar de admirar Vieira? Quem não iria levado pela torrente de sua eloquência?” (GARRETT s.d.: 498-499).

² “São os sermões do padre António Vieira uns riquíssimos minérios do mais fino ouro pelo que respeita à linguagem. Ninguém reuniu em poucas páginas tantas palavras rubricadas pelos mestres que o precederam. As opulências que Vieira aditou à prosódia constituíram o idioma português no alto ponto das línguas mais ricas (...)”, (Castelo Branco 1876: 104).

Por não ser relevante neste contexto, não consideramos aqui o facto de a classificação de Camilo como romântico não ser, como é sabido, consensual.